



# REDE URBANA, USO DO TERRITÓRIO E CIDADES PEQUENAS: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

---

Érika Munique de Oliveira  
*Universidade Federal de Goiás*

## Resumo

Uma discussão sobre rede urbana, uso do território e cidades pequenas se faz necessária, especialmente em um contexto marcado por transformações ininterruptas nos papéis e conteúdos das cidades. Este artigo, portanto, realiza uma reflexão teórica sobre rede urbana, uso do território e cidade pequena. A intenção é contribuir para o debate e ao mesmo tempo apresentar elementos para o estudo das cidades pequenas na rede urbana.

**Palavras-chave:** Rede Urbana. Uso do Território. Cidade Pequena.

# REDE URBANA, USO DO TERRITÓRIO E CIDADES PEQUENAS: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

---

## Resumen

Es necesaria una discusión sobre la red urbana y las pequeñas ciudades, especialmente en un contexto marcado por transformaciones ininterrumpidas en los roles y contenidos de las pequeñas ciudades. Este artículo, por lo tanto, realiza una reflexión teórica sobre la red urbana, el uso del territorio y la pequeña ciudad. La intención es contribuir al debate y al mismo tiempo presentar elementos para el estudio de las pequeñas ciudades en la red urbana.

**Palabras clave:** Red Urban. Uso del Território. Pequeña Ciudad.

## INTRODUÇÃO

Na obra “A teia da vida” Capra (1999) menciona onde quer que vejamos vida, vemos redes. Tal expressão compreende os organismos vivos em um sistema. É bem verdade que as redes não estão dissociadas da vida, pois os arranjos, as conexões e os nós mesmo em contextos não biológicos, são produtos da atividade humana e toda atividade pressupõe movimento.

Aristóteles em vários momentos deixou transparecer que movimento é vida e esse entendimento permite pensar as redes como expressão da vida que conectam e desconectam territórios. Este parece ser um dos caminhos para compreendermos o significado das redes no mundo contemporâneo.

Vivemos em um universo conectado, a consolidação da internet no mundo, como escreveu Capra (2002) em “conexões ocultas”, constituiu uma poderosa ferramenta de comunicação global. E isso demonstra as potencialidades da ciência e da técnica como bem argumentou Santos (2006) na obra “A natureza do espaço”.

As redes são recursos fundamentais para realização dos desejos do capitalismo, agir em rede é uma estratégia das corporações capitalistas. A exploração dos lugares, a segregação de alguns e a centralidade de outros são reflexos do uso do território, ou seja, a forma como ele é utilizada pelos grupos sociais. A rede é isso, o resultado da ação da sociedade em um território.

Na literatura encontramos diferentes abordagens sobre redes, como por exemplo: rede geográfica, redes técnicas, rede urbana, rede social, rede de circulação, redes de informação, etc. Neste texto, nossos olhares se concentraram na rede urbana. A partir da leitura de rede urbana, o debate foi ampliado e realiza uma discussão teórica sobre rede urbana e uso do território e as cidades pequenas na rede urbana.

### **O que faz da rede uma rede?**

Começamos com uma pergunta simples antes de avançarmos na discussão sobre rede urbana: o que faz da rede uma rede? Há muitas maneiras de explicar o seu significado. Uma delas consiste na sua descrição.

Vamos imaginar, por exemplo, uma rede telefônica. Ao olharmos para as residências é possível perceber um conjunto de fios integrados, cabos e terminais que são fixados em cada localidade para que a comunicação via telefone aconteça. Esse conjunto de elementos interligados forma uma rede.

Outro exemplo interessante são as redes de distribuição de água. A água que chega às torneiras das residências é resultado do trabalho realizado em conjunto pelas tubulações (canos), reservatório de água e bombas hidráulicas. Esse conjunto de objetos também qualifica uma rede.

Se pararmos para pensar, as redes estão em toda parte. E elas, conforme Santos (2006), são infraestruturas que permitem a fluidez no território e algumas de suas características são os pontos de acesso, os nós de bifurcação ou de comunicação.

Em outras palavras, as redes são caminhos que permitem os movimentos e as articulações entre objetos. Elas não formam sozinhas e não são obras do acaso, elas são produtos da ação dos atores sociais que em diferentes espacialidades e momentos exerceram ou exercem papel de sujeitos nessa empreitada. Essa reflexão permite avançar no debate acerca da rede urbana.

### **Rede urbana: uma discussão conceitual**

Se observarmos uma imagem indicando uma malha urbana é possível ver, a priori, um conjunto de pontos, linhas e vias que indicam acesso os eixos de circulação em uma determinada cidade. Essas estruturas têm o papel de articular diferentes localizações.

Agora, se ampliarmos a escala territorial ficará ainda mais nítido a articulação entre as cidades. Essa articulação implica a consideração de que a vida urbana é uma rede de redes, como mostrou Duarte e Frey (2008) na obra “redes urbanas”. As características apontadas são alguns qualificativos de uma tipologia de rede identificável em um exercício de observação.

Trata-se da rede urbana, definida como um “conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si” (CORRÊA, 2004, p.43). Nesse conjunto, há centros mais importantes que outros, que possuem maior ou menor controle econômico e político no seu entorno.

Em outras palavras, a rede urbana é reflexo e condição para a divisão territorial do trabalho e retrata os efeitos acumulados da prática de diferentes atores sociais, como as corporações multifuncionais e multilocalizadas que introduzem, conforme Corrêa (2004), diferenças entre centros urbanos. Para o geógrafo, o reflexo se justifica pelas vantagens locais de alguns centros urbanos que gera especialização funcional das cidades. E a condição é explicada pela articulação das cidades, realizadas por meio da implantação de serviços de diversas naturezas, como por exemplo: bancos, comércios, indústrias, serviços de transporte, armazenagem, contabilidade, educacional e de saúde, etc.

Nesse contexto, a rede urbana constitui um meio pelo qual a produção, a circulação, o consumo se tornam viáveis no processo de acumulação capitalista. Neste processo, a circulação tem um peso fundamental. Por meio dela pessoas, bens, serviços, leis, ideias e dinheiro desenham as conexões entre centros urbanos.

É importante mencionar que a rede urbana reúne uma gama de elementos que analisados em conjunto levam ao entendimento da sua natureza e significado. Os elementos apresentados neste tópico dissertam brevemente sobre o que entendemos por rede urbana a partir de referências bibliográficas especializadas nesta temática. O próximo tópico tratará sobre a relação entre uso do território e rede urbana.

### **Uso do território e rede urbana**

A expressão “uso” pressupõe uma ação sobre um objeto, neste caso o território. O território, conforme explicam Santos e Silveira (2001), é uma extensão apropriada e usada. Esse uso é definido pelos grupos sociais que pensam e materializam formas espaciais, estruturas sociais, políticas e econômicas de acordo com seus interesses.

O uso do território, nesse sentido, compreende a implantação de infraestrutura, movimentos da população, distribuição das indústrias, dos bens e serviços,

normas incluindo legislação civil, fiscal e financeira. Esses elementos, conforme Santos e Silveira (2001), configuram as funções do território e promovem ao mesmo tempo um novo espaço geográfico.

É preciso destacar que o território é o meio onde os grupos sociais hegemônicos controlam as ações dos não hegemônicos. O controle passa ser um instrumento privilegiado para o êxito do sistema econômico e financeiro. Esse controle é visivelmente percebido nas normas que regulam o uso do solo, nos sistemas de transporte e circulação, na localização dos serviços, das empresas, no itinerário social etc.

Pensar as redes, especialmente a rede urbana no mundo contemporâneo, demanda refletir, antes de tudo, no modo como o território é usado pela sociedade. Este caminho permite entender por que algumas extensões territoriais são privilegiadas enquanto outras se tornam esquecidas.

Uma questão que considero pertinente destacar são os papéis que as corporações desenvolvem no território, aliás, a pergunta que surge é a seguinte: como a apropriação do território pelas grandes empresas desenha e redesenha a rede urbana? Irei começar por um exemplo, citado por Corrêa (1992) sobre o grupo Souza e Cruz. Essa empresa de cigarros é considerada uma das maiores do país, e é controlada por um grupo londrino. Atualmente sua sede está localizada no Rio de Janeiro. A importância do grupo, conforme o geógrafo está na sua capacidade de envolver diferentes espacialidades para a produção, distribuição e consumo do fumo.

A companhia mantém vínculos com diversos países, além de envolver várias cidades no território brasileiro, como por exemplo: Rio de Janeiro-RJ<sup>1</sup>; São Paulo-SP, Santa Cruz do Sul-RS, Blumenau-SC, Rio Negro-PR; Uberlândia- MG, Cachoeirinha- RS, entre outras. Essas cidades exercem funções que inclui sede administrativa, centro administrativo, centros de pesquisa, de melhoramento de tabaco, de processamentos de tabaco e de distribuição de tabaco.

O exemplo citado baliza o entendimento que empresas como esta se apropriam do território seletivamente, alguns lugares são incorporados por elas e são dotados de infraestrutura para que a produção, a circulação, a distribuição e o consumo de seus produtos aconteçam. Isso promove a articulação entre as cidades. Essas articulações como vimos no tópico anterior, caracterizam uma rede urbana.

É importante destacar que no processo de produção, novas unidades são abertas e outras são fechadas, isso é muito comum na dinâmica das corporações no território, conforme assinala Corrêa (1992). As cidades que não participavam do processo produtivo têm seus papéis redefinidos, assim como as que deixaram de sediar as empresas. A alteração dos papéis reflete nas conexões estabelecidas entre centros urbanos, isto é, as articulações são modificadas e quando isso ocorre a rede urbana é redesenhada.

A relação entre o uso do território e a rede urbana é uma questão importante para compreendermos a natureza e o significado das articulações entre as cidades. O exemplo colocado do Grupo Souza e Cruz é uma das evidências de como o território é usado, para quê ele é usado e quais os efeitos deste uso. A

articulação entre cidades é uma consequência das ações que se realizam no território, e essas ações são engendradas pelos atores que planejam, traçam caminhos, limites, dotam de técnicas, infraestrutura e normas que disciplina vidas em diferentes extensões do mundo.

### **As cidades pequenas na rede urbana**

O uso dos vocábulos cidade pequena, cidades locais e/ou pequena cidade são frequentemente utilizados no âmbito acadêmico para qualificar um tipo de centro urbano. Neste artigo, a palavra *cidade pequena* foi utilizada, seguindo a orientação da língua portuguesa, onde o adjetivo pequeno acompanha o substantivo cidade.

O qualificativo pequeno é questionável, especialmente, quando consideramos o universo das relações que uma cidade mantém com as demais em uma rede urbana. Spósito e Silva (2013) orientados pelos trabalhos de David Bell e Mark Jayne levantam elementos importantes para refletirmos acerca disso, como por exemplo:

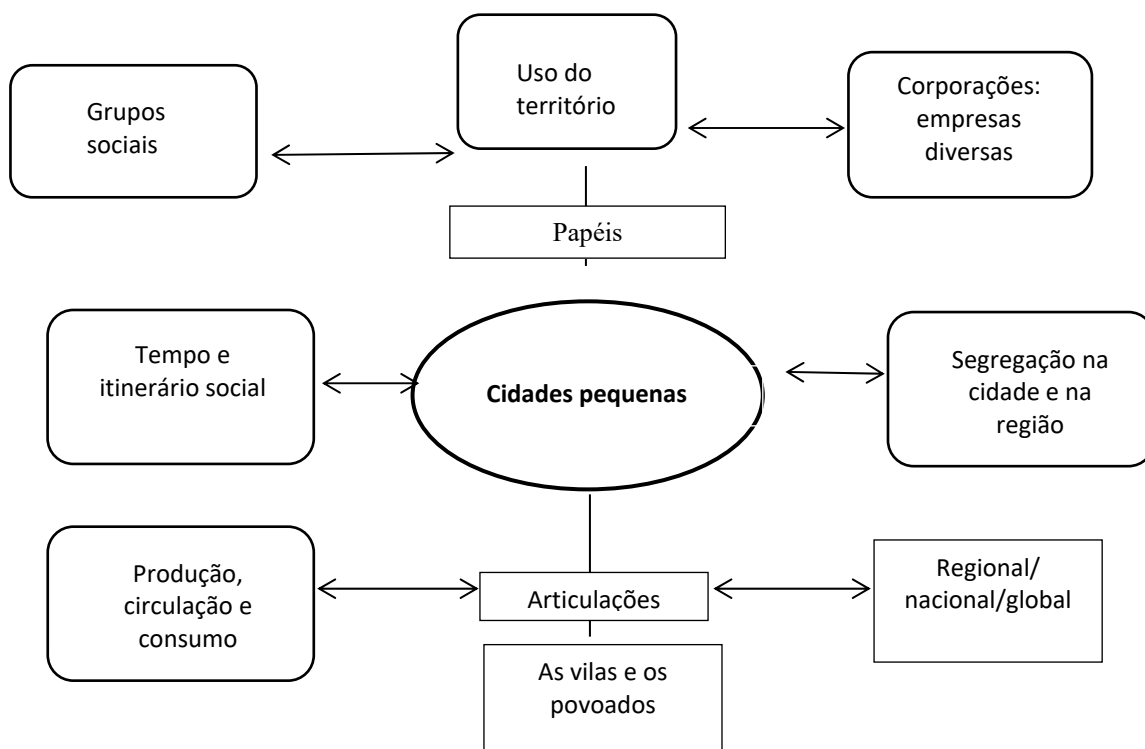
Por que pequeno é pequeno? E quais métodos de mensuração do tamanho são convenientes? Dada nossa alergia por generalização, nós decidimos ser contrários a quaisquer requerimentos mínimos ou máximos. Apenas como Thrift (2000) lembra-nos que um tamanho não ajusta tudo [...]” (SPÓSITO e SILVA, 2013, p.31).

As questões supracitadas dialogam com a crítica levantada por Souza (2010) na obra “ABC do desenvolvimento urbano”, ao conceituar uma cidade. Para o geógrafo buscar uma definição pautada no tamanho demográfico é perigoso, pois não consegue explicar as características de uma cidade em sua totalidade, como por exemplo: seus aspectos econômico-espaciais, sua diversidade e a centralidade que ela representa enquanto mercado. Com base nisso, qualificar uma cidade apoiando-se no seu tamanho não é recomendável.

No caso das cidades pequenas, Spósito e Silva (2013) defendem que elas são qualificadas deste modo, pelas características do urbano e por não apresentar dimensões populacionais muito complexas. Para os geógrafos, isso permite avaliar os comportamentos e as principais demandas da população.

Vários são os critérios de definição de uma cidade no Brasil e no mundo. No caso brasileiro, os critérios adotados envolvem questões político-administrativa, demográficas, econômicas, funcionais entre outras. Sobre as cidades pequenas, Fresca (2011) sugere que definir e/ou classificar uma cidade como pequena, é preciso, antes de tudo, compreender a sua inserção em uma dada rede urbana ou região. Nessa perspectiva, Soares (2010) argumenta que é fundamental avaliar a inserção das cidades pequenas no mundo da globalização; as potencialidades locais; as relações sociopolíticas entre administração pública e população local; as ligações com seus entornos rurais e a sociabilidade nesses locais.

Com base nos elementos citados, considero pertinente incluir os usos do território; as ligações com as vilas e povoados; o tempo e o itinerário dos habitantes; a segregação socioespacial de pessoas tanto na própria cidade como na rede urbana, entre outros. A figura 1 apresenta a ideia em questão.



**Figura 1** - Representação da proposta pela autora para o estudo das cidades pequenas na rede urbana.

A compreensão dos usos do território, como já argumentado no tópico anterior, consiste em primeira instância, abordar como os grupos sociais, as corporações, contribuem para formação de uma rede urbana. As vilas e os povoados são muitas vezes negligenciados nas análises sobre rede urbana, isso é emblemático, pois exercem papéis importantes nas atividades econômicas desenvolvidas nos centros urbanos destacados.

A análise do tempo e do itinerário social permite entender o ritmo das atividades, da vida urbana, a velocidade do capital sobre o cotidiano. E a segregação em rede pretende evidenciar as contradições impostas pelo Estado, pelas corporações e pelo sistema produtivo na distribuição desigual de recursos urbanos e a necessidade de deslocamentos para adquirir meios de consumo coletivo em âmbito regional. Essas ideias se somam as apresentadas por Soares (2010). É válido destacar que a intenção não é apresentar um modelo metodológico, mas expressar alguns elementos que podem contribuir para o estudo sobre cidades pequenas em uma dada rede urbana.

### Para não concluir...

É certo que ao escrever este texto, questões foram respondidas, outras não contempladas e outras que certamente vão aparecer nos próximos escritos sobre a temática. A riqueza de um texto também reside nas lacunas que ele deixa. Nessa perspectiva, ideias são questionadas, modificadas e/ou ampliadas possibilitando novas contribuições.

Diante da riqueza da literatura sobre rede urbana e cidade pequena, consideramos pertinente e com objetivo de contribuir com a temática discorrer sobre três elementos: rede urbana, usos do território e rede urbana e cidades pequenas na rede urbana. A intenção foi levantar algumas ideias para suscitar um debate em torno desse assunto.

As redes encontram o suporte no território. Elas são geridas e comandadas por grupos corporativos, por isso a frase “quem controla as redes, controla o território” é essencialmente verdadeira. No caso da rede urbana, as interações entre diversos centros urbanos traduzem as intencionalidades desses atores, suas capacidades de usurpar as potencialidades dos lugares e disciplinar vidas.

A rede urbana é dinâmica e seu processo de redefinição é ininterrupto, especialmente quando consideramos os avanços dos processos econômicos, políticos e sociais em diferentes temporalidades nas cidades. As cidades pequenas têm seus papéis redefinidos por essa lógica, e a compreensão desses elementos deve se apoiar na análise dos usos do território pela sociedade. O entendimento da natureza das ações que se realizam é fundamental para uma leitura sobre essas espacialidades.

### REFERÊNCIAS

- CAPRA, F. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002.
- CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix, 1999.
- CORRÊA, R. L. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 15, p.35-41, 1992. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/aigeo/article/view/5934/4531>. Acesso em 20 jun. 2020.
- DUARTE, F.; FREY, K. **Redes urbanas**. In: DUARTE, F.; QUANDT, C.; SOUZA, Q. (eds.). O tempo das redes. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Revista Mercator** (Fortaleza), Ceará, v.9, n.20, 2011. DOI : 10.4215 / RM2010.0920.0005 Disponível em: [www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398/310](http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/398/310). Acesso em 24 jun.2020.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: USP, 2006.

SANTOS, M; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SOUZA, M. L. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

SOARES, B. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D.M.F; HENRIQUE, W. (orgs). **Cidades médias e pequenas: teorias, conceitos e estudos de caso**. 87 ed. Salvador: SEI, 2010, v.87, p.229-250.

SPÓSITO, E.S; SILVA, F. J. **Cidades Pequenas: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais**. Rio de Janeiro: Paco, 2013.

---

<sup>i</sup> Esses dados foram extraídos no site da empresa. Consulte: <http://www.souzacruz.com.br/>